

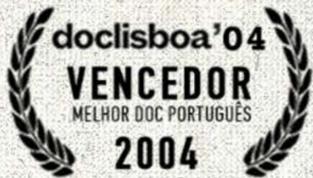
autografia



DOSSIER DE IMPREENSA

UM FILME DE
MIGUEL GONÇALVES MENDES

SOBRE
MÁRIO CESARINY



[VERSÃO RESTAURADA]
comemorativa dos 10 anos de estreia

DOCLISBOA 2004
MELHOR DOCUMENTÁRIO PORTUGUÊS

realização miguel gonçalves mendes . montagem maria joana figueiredo . som patrick mendes
mistura de som mário dias . imagem cláudia oliveira, dino estrelinha, hugo azevedo, hugo coelho,
leonardo simões, miguel gonçalves mendes, nina alves, susana nunes . pós-produção de imagem andrea bertini
fotografia de cena susana paiva . design gráfico, voz-off poema "autografia" paulo reis
figurino "obituário" marjana sá roqueira . produção JumpCut

DISTRIBUIÇÃO ATALANTA FILMES WWW.ATALANTAFILMES.PT/AUTOBIOGRAFIA

APOIOS:



**DOSSIER
DE
IMPrensa**

MÁRIO
AUTOGRAFIA
CESARINY



Foi para mim uma surpresa inesperada existir um jovem como o Miguel. Conheci o Miguel, fiquei miguelista.”

Mário Cesariny *in* *Jornal Público*

DOSSIER DE IMPRENSA

MÁRIO AUTOGRAFIA CESARINY



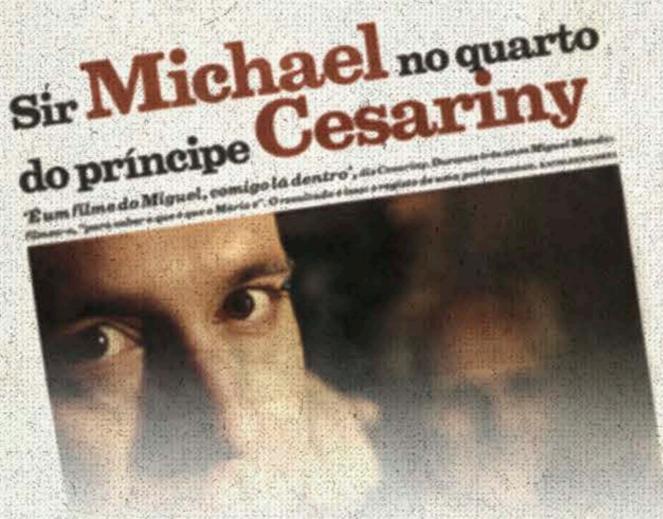
INDICE

SINOPSE + TRAILER 1

FRASES DE IMPRENSA 2

PREFÁCIO CLARA FERREIRA ALVES 4

POSFÁCIO PAULO CUNHA E SILVA 8



Um surpreendente documento humano e cinematográfico em três atos – a vida, o percurso e a arte do poeta-pintor surrealista Mário Cesariny de Vasconcelos.

ELISABETE FRANÇA in *Jornal Diário de Notícias*



São raros os 'documentários' como este; nem sei se tal será melhor termo para definir o notável trabalho de Miguel Gonçalves Mendes.

MANUEL CINTRA FERREIRA in *Jornal Expresso*

o registo de uma performance

É um objeto de liberdade absoluta, feito de confissões e de achados espontâneos. Uma revelação.

RUI TENDINHA in *Jornal Notícias Magazine*

Esta é a mais longa conversa que alguma vez vamos ter com ele.

CARLA ISIDORO in *Revista DIF*

Autografia é um olhar sobre Cesariny hoje, um radioso e cúmplice olhar.

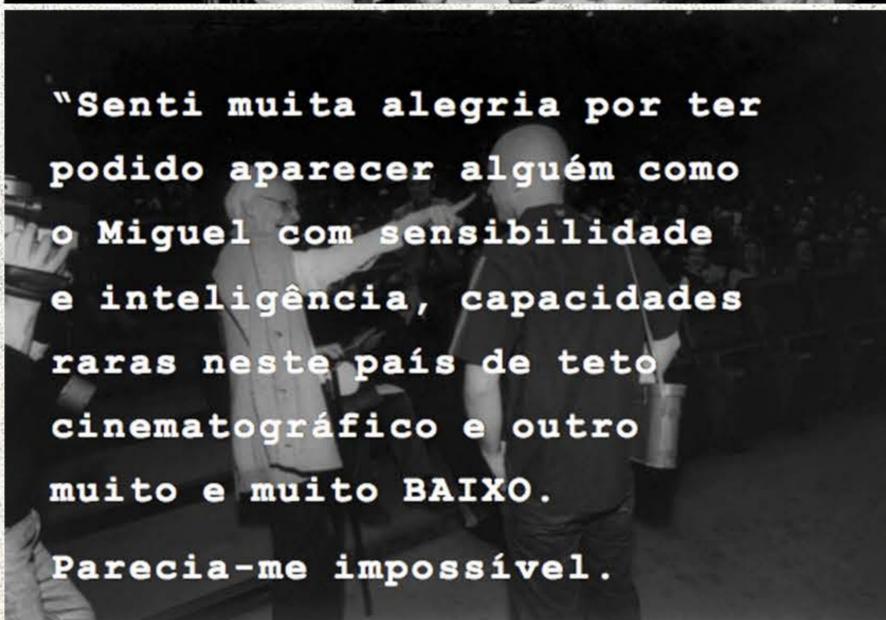
J. LEITÃO RAMOS in *Jornal Expresso*

DOSSIER DE IMPREENSA

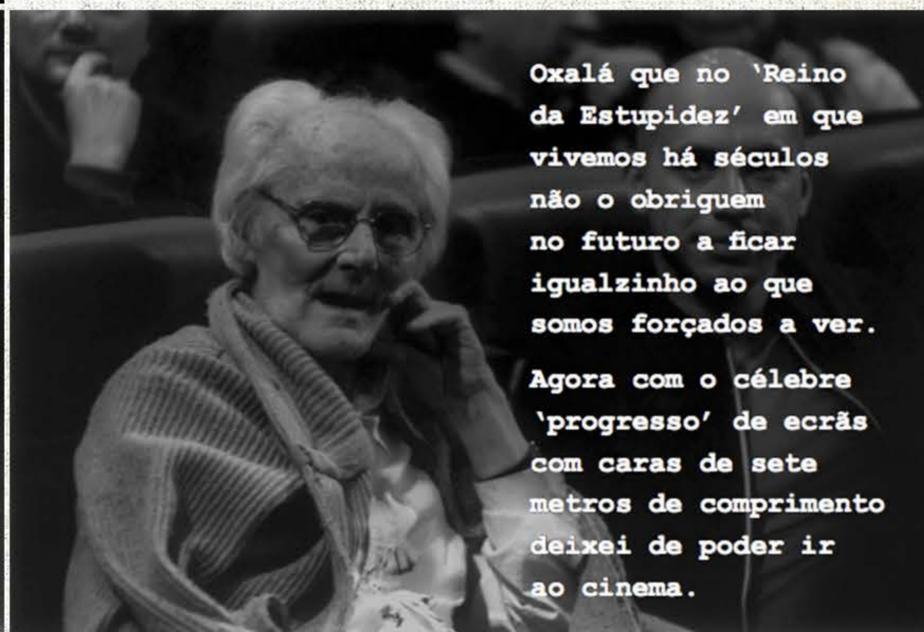
MÁRIO AUTOGRAFIA CESARINY



"SOU UM POETA
SOFRÍVEL NUMA ÉPOCA
EM QUE O TECTO
É MUITO BAIXO.
(...) A GLÓRIA,
A CONSIDERAÇÃO,
NÃO ME INTERESSA."



"Senti muita alegria por ter
podido aparecer alguém como
o Miguel com sensibilidade
e inteligência, capacidades
raras neste país de teto
cinematográfico e outro
muito e muito BAIXO.
Parecia-me impossível."



Oxalá que no 'Reino
da Estupidez' em que
vivemos há séculos
não o obriguem
no futuro a ficar
igualzinho ao que
somos forçados a ver.
Agora com o célebre
'progresso' de ecrãs
com caras de sete
metros de comprimento
deixei de poder ir
ao cinema."



Fotografia: Jorge Alexandre Pereira
cop. Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema



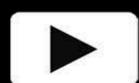
Vou hoje porque é
um filme do Miguel
que deixa ver muito
do que eu poderia
ter sido."

Antestreia do documentário Autografia.
Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 3 de maio de 2004.
Texto de Mário Cesariny para a folha de sala.

'É um filme do Miguel, comigo lá dentro', diz Cesariny. Durante três anos Miguel Mendes filmou-o, "para saber o que é que o Mário é". O resultado é isso: o registo de uma performance.

DOSSIER DE IMPREENSA

MÁRIO AUTOGRAFIA CESARINY



VER TRAILER OFICIAL

UM DOCUMENTÁRIO QUE RETRATA A A VIDA, O PERCURSO E A INDIVIDUALIDADE DE MÁRIO CESARINY PARA ALÉM DO PINTOR E POETA. O POEMA "AUTOGRAFIA" SERVE DE MOTE E FIO CONDUTOR - É A PARTIR DELE QUE NASCEM AS QUESTÕES PARA AS RESPOSTAS QUE ESTABELECEM O DIÁLOGO ENTRE QUEM VÊ E QUEM É RETRATADO. O TRABALHO DE CESARINY É EXPOSTO NA SUA INTIMIDADE, SUJEITO À NOSSA INTERPRETAÇÃO, NUMA ESPÉCIE DE RESPIGAR DE CITAÇÕES E CONTEÚDOS QUE NOS PERMITEM UMA APROPRIAÇÃO DE MÁRIO CESARINY NUM FILME INTIMISTA

REALIZAÇÃO: **MIGUEL GONÇALVES MENDES**

GÉNERO: **DOCUMENTÁRIO**

PRODUTORA: **JUMPCUT**

PRODUÇÃO: **PORTUGAL - 2004**

FORMATO: **SD 4:3**

DURAÇÃO: **90"** [VERSÃO 2015]

COR | PB

[VERSÃO RESTAURADA]

comemorativa dos 10 anos de estreia

"Venho aqui hoje porque o Miguel conseguiu descobrir em mim muito do que sou e, talvez, o que poderia ter sido neste infernal jardim à beira-mar plantado."

Mário Cesariny *in Folhas da Cinemateca*

DOSSIER DE IMPrensa

MÁRIO AUTOGRAFIA CESARINY



“São raros os ‘documentários’ como este; nem sei se tal será melhor termo para definir o notável trabalho de Miguel Gonçalves Mendes.”

Manuel Cintra *in Jornal Expresso*

“É um objeto de liberdade absoluta, feito de confissões e de achados espontâneos. Uma revelação.”

Rui Tendinga *in Jornal Notícias Magazine*

“Esta é a mais longa conversa que alguma vez vamos ter com ele.”

Carla Isidoro *in Revista DIF*

“Autografia é um olhar sobre Cesariny hoje, um radioso e cúmplice olhar.”

J. Leitão Ramos *in Jornal Expresso*



DOSSIER DE IMPRENSA

MÁRIO AUTOGRAFIA CESARINY



"Um surpreendente documento humano e cinematográfico em três atos – a vida, o percurso e a arte do poeta-pintor surrealista Mário Cesariny de Vasconcelos."

Elisabete França *in* *Jornal de Notícias*

"Miguel Gonçalves Mendes demorou três anos a entabular esta longa conversa, quase um demorado adeus, a que o poeta resistiu primeiro e convenceu-se depois."

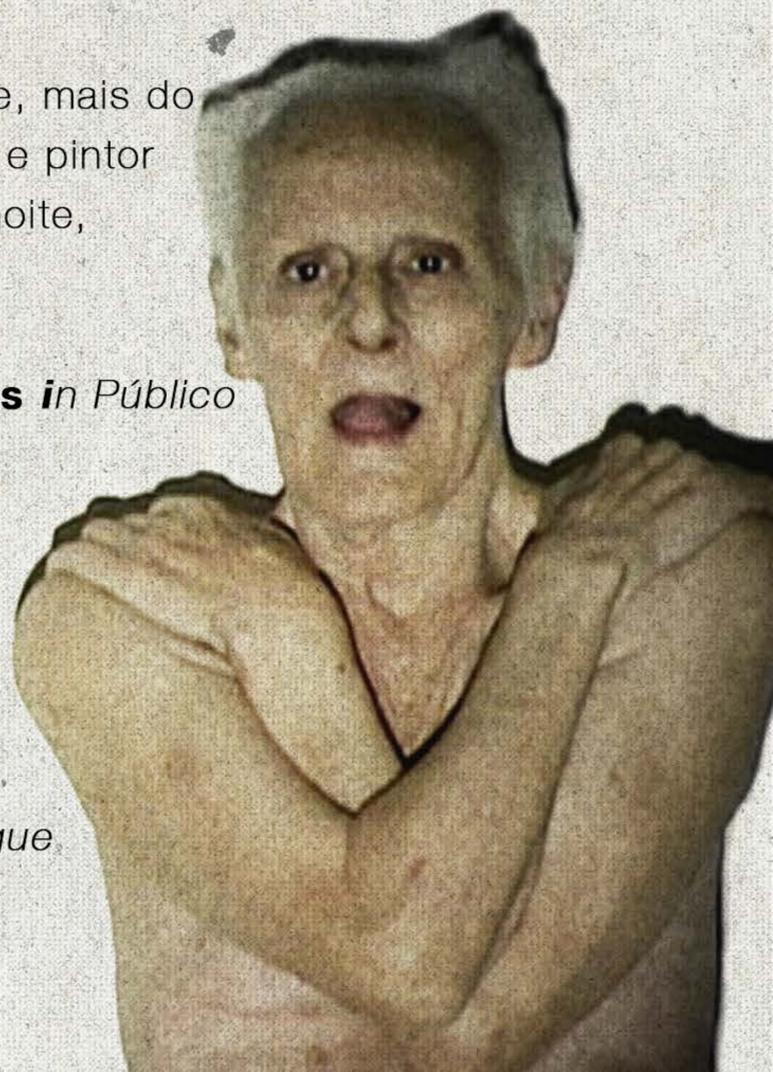
Sílvia Souto Cunha *in* *Revista Visão*

"Autografia, de Miguel Gonçalves Mendes, que, mais do que um perfil, é um filme de entrega ao poeta e pintor Mário Cesariny, colhendo a maior ovação da noite, no Grande Auditório da Culturgest."

Kathleen Gomes *in* *Público*

" (...) um documentário tocante onde se joga por inteiro. "

João Paulo Cotrim *in* *Vogue*



DOSSIER DE IMPREENSA

MÁRIO AUTOGRAFIA CESARINY



enquanto
houver no
mundo saudade

Clara Ferreira Alves

Com o tempo as pessoas dissipam-se, evaporam-se. Com a idade também, mas o tempo é mais cruel. Mário Cesariny já não consta das listas e sabe Deus e sabemos nós que há listas para tudo, para cima e para baixo e para os lados. Já não é um surrealista famoso. Um poeta famoso. Um pintor famoso. Nem sequer um morto famoso. Como ele mesmo diz dos outros surrealistas em *Autografia*, o filme de Miguel Gonçalves Mendes: MORTO! Alexandre Neill MORTO! Fulano tal MORTO! Mário Cesariny de Vasconcelos, nascido em 1923 e morto em 2006, MORTO! Dupla, triplamente morto. E às tantas mal enterrado, porque não consta o nome em jazigo ilustre das artes deste país. Um país pequeno, um país de "um povo criança" que espera 400 anos por um homem que não existe, um rei que não existe, e depois se agarra "a um borra-botas qualquer". Palavras do Mário.

Não, não vou fazer aqui a psicobiografia da poesia, ou o exercício crítico que ele detestaria mais que ninguém. Os versos, os poemas, estão na Internet para quem os quiser ler porque os livros já não estão nos escaparates e são peças de coleção. O Mário Cesariny que interessa, que me interessa, embora achasse de si mesmo que era "um poeta sofrível" (não era, não era) embora houvesse gente a publicar livros de poesia muito piores que os dele, o Mário que me interessa, dizia, é a pessoa, o homem, o corpo e a inteligência e a lucidez que o alertavam para todas as formas de *kitsch* com que todos os dias nos embalamos. E nos vendemos ao consumidor.

Como se diz agora, Mário Cesariny de Vasconcelos era uma pessoa interessante. Lembro-me dele, apesar da memória se dissipar com os anos. Lembro fragmentos, instantes na batalha da sobrevivência a que chamamos vida, iluminações em noites de breu. Lembro fantasias e revoltas, gostos, desgostos e contragostos, e às vezes um sorriso de criança que tinha quando era velho, e talvez tivesse tido um sorriso de velho quando ainda era criança. É o mesmo sorriso, uma fiada de dentes invisíveis presos nos vincos da boca arqueada, com os olhos a rir por cima, a ver se estamos a vê-lo. O fumo do cigarro enrola-se em espiral neste meio sorriso, deste quarto de sorriso, e o cigarro é a companhia autorizada, o vício que não compromete. A homossexualidade, no tempo em que o Mário a declarou e a sentiu como ato de amor humano, era proibida no tempo em que ele nasceu e cresceu e se fez homem. A amada irmã, Henriette, tem dificuldade em falar do assunto quando ele lhe pergunta, pergunta de chaves na mão: o que pensas tu da minha homossexualidade? Ela não pensa. Aceita. O mundo do salazarismo, rei borra-botas vindo das brumas, era o da rejeição. Cesariny terá amado um homem e só amou uma vez. A impossibilidade do sentimento de um homem por outro homem, homens respeitáveis como fachadas de prédios burgueses em largas avenidas de moral única, levou-o a desistir do amor. Passou aos amores de ocasião, sexo roubado e contrabandeado, com preferência de marinheiros frescos, salvos do jejum dos barcos, esfomeados, enjoados de mar. Quando o conheci, o Mário gostava de contar histórias de marinheiros. Grossas histórias de marinheiros que

DOSSIER DE IMPRENSA

MÁRIO AUTOGRAFIA CESARINY



enquanto
houver no
mundo saudade

Clara Ferreira Alves

ele contava como quem desata à pedrada aos vidros dos guardiões de costumes.

E foi assim que o conheci. Num centro comercial da estação do Rossio onde eu me perfilava num esqualido emprego a vender publicidade de jornais numa loja (depois de ter considerado a advocacia um emprego ainda mais esqualido e ter decidido revoltar-me) avistei-o ao longe numa das balaustradas de pedra, esvoaçando como uma sombra. O centro fechava à meia-noite, hora perigosa para mulheres e favorável aos poetas. Um homem magro e que me parecia de cabelo branco antecipado aos anos. Olha o Mário Cesariny, sabia bem quem era. Eu podia não gostar de escritórios mas gostava de poemas e conhecia os daquele surrealista mítico, o do café Gelo, o das tertúlias e da rebelião intelectual. Olha o Mário Cesariny. O artista. Andava à caça, claro. Ave noturna de perfil pontiagudo, de bico aguçado pelo apetite, esvoaçando sobre os ângulos das escadas rolantes e geometria das varandas que davam para o átrio da estação. Como Genet, Cesariny apreciava o cais, a estação, os lugares de passagem onde as pessoas nunca ficam muito tempo antes de partir. Penso que seria esse o seu conceito de existência.

Não falei com ele, espiei-o de longe. Um senhor mal comportado, que maravilha.

Conheci-o depois nas noites de Lisboa, as noites do Bairro Alto, antes do Frágil e durante o Frágil, onde ele não ia. O Mário não era de modas. Não era *fashion*. Agora que penso nisso acho que estivemos juntos mais vezes de

noite que de dia, a nossa amizade encontrava-se nos intervalos da luz solar e recolhíamos como vampiros ao primeiro raio. O Mário sentado num passeio da Rua Diário de Notícias, ou da Rua da Atalaia, ou da Rua da Misericórdia, a dizer, vamos por aí? Mário, são três e tal da manhã, vou recolher. Recolher? És uma velha, são só três da manhã. Eu nem trinta anos tinha, acho.

O Hermínio Monteiro, fundador da Assírio & Alvim, editor do Mário e amigo do fundo do coração, foi quem nos juntou muitas vezes fora dos encontros de ocasião, fortuitos como sexo, a pretexto de jantares e amizade. E agora lembro o Mário, outra vez de noite, na Igreja de São Mamede, junto do caixão do Hermínio, morto de morte matada ao meio século cumprido. Cinquenta anos é nada. O Mário triste a debitar um dos seus poemas preferidos, que não era dele, "poeta sofrível" (não, não é verdade) era de Camões. "Aquela triste e leda madrugada/ cheia toda de mágoa e de piedade/ enquanto houver no mundo saudade/ quero que seja sempre celebrada". Disse o poema sem derramar uma lágrima. Um silêncio garrotava-nos a garganta com lágrimas que nunca chegaram a formar, por uma questão de valentia diante da extinção. O Mário dizia coisas a sério e nunca o tinha visto tão triste. Uma cantiga de amigo em soneto.

O Mário noutra noite, noite de rebentar o coiro e a acabar numa casa amiga algures na serra da Arrábida, para onde a tribo tinha ido repousar e ver o amanhecer. O Sol não ousara ainda interromper o devaneio das estrelas e da Lua, era uma noite de primavera, amaciada pelos cheiros das árvores e

DOSSIER DE IMPREENSA

MÁRIO AUTOGRAFIA CESARINY



enquanto
houver no
mundo saudade

Clara Ferreira Alves

das flores, da caruma e da terra musgada. Por razões certamente surrealistas, falámos da Outra Banda, que era a banda onde estávamos naquele momento e passara a ser Esta Banda. E de Almada. Eu, na falácia dos verdes anos, afirmei detestar Almada, a feia Almada, embora gostasse do nome. E o Mário: minha filha, Almada é Nova Iorque!

A Almada aportavam os marujos, de Almada vinha o cheiro da carne fresca, o barulho das luzes. Ainda hoje gosto de citar isto por tudo e por nada: Almada é Nova Iorque. De facto, tudo pode ser Nova Iorque. E aposto que o sorriso de criança estava lá, quando fez a comparação. O Sol nasceu pouco depois. O Mário não foi dormir, viajou para Nova Iorque.

Ele nunca escrevia poemas em casa, escrevia nas ruas, nos cafés, onde calhava. Velho, tinha saudades desse tempo, do tempo em que escrever poesia "era como voar". E namoriscar era como esvoaçar, delito em que o tinha apanhado em flagrante no estação do Rossio.

Saudade, a palavra é importante. O Mário tinha saudades dos amigos. Lembro um jantar na Casa Fernando Pessoa, que eu dirigia na altura, a propósito de uma sessão de poesia. O Mário: a minha gente já não está viva. E não havia como consolá-lo. Ouvi-o repetir muitas vezes a frase, cada vez mais repassada de solidão, nunca de nostalgia porque ele não era desses sentimentais. Estava mais velho que nas madrugadas anteriores, mais doente, mais em desassossego. A relação dele com Pessoa era difícil e de admiração. Gostava do Campos, do louvado e simplificado Campos, "coitado", "com quem ninguém se importa".

O Mário sabia que grandes poetas podem morrer e dissipar-se na melancolia coletiva do país de crianças como se fossem vadios ou pedintes, vidas anónimas. Grande poetas com outros poetas lá dentro, as caixinhas chinesas de Pessoa. Ali, numa das casas dele, a mágoa da morte assaltou o Mário, não a da morte dele mas a da morte dos outros, a gente dele. Sabia que quando ele mesmo não restasse, Mário Cesariny MORTO!, ninguém se lembraria de coisa nenhuma. Talvez estejamos nesse ponto de não retorno, e eu esteja a fazer o papel de alguém que se lembra. Que se lembra que ali esteve um corpo vivo e morno, um aristocrata que achou que a casa onde vivia, o país chamado Portugal, tinha o teto muito baixo. Sufocava-o. Sufocamos. No país onde a comisseração tem mais valor que a consideração, "a consideração literária ou artística" não o interessavam. Tinha saudades do amigos e companheiros de cafés e de noitadas e de cigarros a arder na impressão digital dos dedos, esquecidos. "Estou chateado", ouvi-o dizer muitas vezes. Por muita consideração que lhe pusessem aos ombros como uma manta, acabariam a "deixá-lo ir para casa sozinho".

"No país onde os homens são só até ao joelho/ e o joelho que bom é só até à ilharga".

Por baixo deste horácio e coriáceo estava, claro, um homem orgulhoso, cioso da sua dignidade. Da sua liberdade. Da sua beleza. O mancebo Cesariny tinha sido um belo homem, maçãs fortes, queixo saliente, ossos direitos. Olhos secretos. Olhos que a vida manchou de ausências e golpes.

DOSSIER DE IMPRENSA

MÁRIO AUTOGRAFIA CESARINY



enquanto
houver no
mundo saudade

Clara Ferreira Alves

Lisboa tinha, em todo o caso, nos tempos da resistência, uma vida intelectual. Tinha tertúlia, grupo, tribo. Tinha sátira e tinha crítica. Tinha inteligência e não tinha medo quando andava tudo de joelhos. Havia a casa da Natália (Córreia) onde se reuniam a conspirar versos e escarnecer do sistema. Missão impossível nos dias que correm.

Não, o Mário Cesariny não está no Twitter nem no Facebook e não tem *blog*. Não está nos jornais nem nos escaparates. Não aparece na televisão nem no telejornal. Não é notícia nem delícia nem estultícia. O Mário vem do tempo da tragédia e da comédia, não coexiste com o melodrama. Está morta a sua gente. Ninguém da vida sabe quem ele é. Diz-me o Miguel Gonçalves Mendes, "exilado" em São Paulo, que o Mário doou os bens à Casa Pia (essa, sim, exatamente, e não, ele não era pedófilo, escusam de contar com o ovo no dito cujo da galinha). Doou porque era um iconoclasta e um português compassivo que sabia que da destituição à prostituição vai um pé curto. Poucos bens mas seriam suficientes para lhe erguerem um busto, uma campa decente, um jazigo pouco original. Enfim, nada consta. Até hoje.

A isto chama-se, em bom poetês, um Adeus Português.

30 outubro 2014

DOSSIER DE IMPrensa

MÁRIO AUTOGRAFIA CESARINY



uma alografia de "autografia"

Paulo Cunha e Silva

Autografia de Miguel Gonçalves Mendes é um filme que interjeta a pele da realidade e se organiza como se a câmara tivesse descoberto um lugar para filmar a partir de dentro, do interior (anatômico) do outro autor, Mário Cesariny de Vasconcelos.

O filme anuncia-se logo como um exercício de intimidade radical entre os dois autores, entre as duas autografias, para no limite chegar a uma indistinção entre o poema e o filme, entre o poeta e o realizador.

Este é um trabalho de prática de uma intimidade absoluta, uma intimidade consentida e premiada, mais, de uma intimidade desejada. Há no poeta uma vontade absoluta de se mostrar, de se despir. No realizador, uma vontade absoluta de ver. E, no entanto, nem o poeta é um exibicionista, nem o realizador se revela um voyeurista.

Ambos definem um território de cumplicidade que vão alimentando e construindo juntos. *Autografia* de Miguel Gonçalves Mendes é um poema visual sobre o poema "Autografia" (que já era um monumento visual). É um metapoema.

Podemos identificar aqui uma estratégia de inversão, de troca de papéis, um travestimento mútuo, que reforça a densidade relacional entre os autores. Cesariny tem um poema que é um filme, Miguel Gonçalves Mendes faz um filme que é um poema. Decompondo: faz um poema, fabricando imagens sobre o poema que já era um filme.

No fim temos uma matéria nova. Um poema-filme, ou um filme-poema.

Mas o programa desta operação-limite tinha sido imediatamente identificado nos três momentos inaugurais do filme.

No primeiro, a leitura em voz *off* do poema, como a querer dizer-nos que é sobre esse território que o filme se vai construir, que não vai sair do poema porque não há mais mundo (que interesse) fora do poema. Essa operação tinha já começado no momento em que o filme propõe como título o título do próprio poema, como se nos quisesse amarrar a essa tautologia incontornável.

No segundo momento, em que vislumbramos numa janela de Lisboa uma figura que é Cesariny.

Tendo o poema a dimensão de uma auto(bio)grafia complexa, o realizador reforça, assim, os limites do seu campo de intervenção. É aquele homem que está à janela, mesmo que visto de longe, que interessa ao seu filme. E vai esquecer o que o envolve, para ficar só com ele.

O terceiro momento é aquele em que o longe se faz íntimo e a câmara recolhe as gotas de suor da face de Cesariny. Como se Miguel Gonçalves Mendes dissesse: é este homem que me interessa, a sua vida-poema, e com a intimidade do suor.

O filme assume esse plano de intimidade fisiológica como objeto da narração. Como se a verdade que se quer contar fosse a verdade da pele, ou melhor, a verdade que está debaixo da pele, a verdade do corpo, que o corpo esconde.

DOSSIER DE IMPRENSA

MÁRIO AUTOGRAFIA CESARINY



uma autografia de "autografia"

Paulo Cunha e Silva

Mas como seria pouco operativo focar só a pele do poeta, o filme descobre outro território de intimidade que é o quarto. O quarto surge como uma segunda pele, como um lugar onde o mundo interior pode ter manifestações exteriores, mas não deixa de ser o mundo interior.

E mesmo quando o filme acompanha Cesariny fora do quarto, no cemitério naval da Margem Sul ou na Feira Popular, é ainda o quarto que vai consigo.

O quarto como entidade capaz de representar o mundo que o corpo já tinha apropriado.

Esta segunda pele, o quarto, é um hipertexto do corpo. E Miguel Gonçalves Mendes ocupa-o com a intimidade das pessoas que habitam no mesmo quarto.

Este realizador desenvolve uma espécie de cinema-intimidade, em que a câmara se transformou num instrumento de microscopia emocional. A câmara vê, observa, anota, mas tudo se passa na grandeza do pequeno mundo, na grandeza da intimidade. Como se observar fosse um trabalho histológico de compreensão de um tecido celular, de ampliação do mundo para o tornar mais legível.

É isso que faz um microscópio. Afasta dois pontos que à vista desarmada pareciam um só. Que estavam sobrepostos. A câmara deste realizador desenvolve este trabalho microscópico: afasta pontos sobrepostos para se insinuar na pele de quem quer autografar.

O trabalho do cineasta transforma-se no trabalho de um microcirurgião. De quem amplia o campo (cirúrgico ou

de observação) para intervir com mais precisão, com mais nitidez. Para clarificar a intimidade. De certa forma, aquilo que o cinema faz no sentido mais literal do termo, ou seja, introduzir luz, sentido, num campo e depois cartografá-lo.

Poder-se-ia dizer que este cinema, na intimidade que se permite, na definição da proximidade, seria um cinema invasivo. Em que a tal luz poderia ser excessiva e quase cegar, mas o que surge é o contrário. Uma intimidade intensa e cúmplice mas, paradoxalmente, não invasiva. Uma intimidade que proporciona todo o campo para Cesariny se expor, se mostrar, mas que jamais o força a fazê-lo. A câmara só o persegue, nunca o empurra. Não cede à tentação de alguma predação, de algum canibalismo, um pouco inevitável quando se tem uma presa simultaneamente tão frágil e tão sedutora.

Como disse, este cinema é íntimo, de uma intimidade radical e quase fisiológica, mas nunca é invasivo. Ou melhor, só invade o que está exposto. A câmara vê por dentro, mas não causou nenhuma ferida, entrou pelos poros disponíveis, pela permeabilidade da vida.

Esta câmara que explora a porosidade, que se cola à pele e que a investiga para detetar zonas de entrada é uma câmara sentimental. Como se o sistema ótico fosse substituído por um sistema de lentes afetivas.

A câmara de Miguel Gonçalves Mendes nunca se comporta como um bisturi, mas antes como um *scanner* que revela todos os acidentes interiores sem violar a interioridade. É um método imagiológico não invasivo.

DOSSIER DE IMPRENSA

MÁRIO AUTOGRAFIA CESARINY



uma alografia de "autografia"

Paulo Cunha e Silva

Assim sendo, alguém argumentaria que estaríamos perante uma prática absolutamente passiva, na medida em que se inibiria de entrar e investigar. Ao colocar-se totalmente à disposição do ator-autor (Cesariny) talvez vacilasse e lhe faltasse a coragem da investigação.

Porque a investigação, na medida em que coloca problemas, é também incómoda, é um sobressalto, é a introdução de uma descontinuidade na realidade. É um empurrão na mecânica das coisas, na inércia do mundo.

Pelo contrário, este método, apesar de não ser invasivo, apesar de se sustentar naquilo a que os antropólogos chamariam observação participante, fixa com intensidade a realidade.

O observador não esconde a sua presença, nem se escamoteia, mas desenvolve uma negociação que lhe permite essa intimidade sem ter de invadir o campo. Há um tráfico subtil entre quem se mostra e quem filma. E há, como já referi atrás, uma discreta troca de papéis: quem filma também é filmado.

Ao colocar-se de armas e bagagens dentro do quarto, Miguel Gonçalves Mendes perturba, obviamente, o frágil equilíbrio daquele exíguo e hiperlotado espaço. Mas não está a mais. Leva o espaço a procurar uma nova estabilidade sem provocar um desequilíbrio que transforme o ato de filmar dentro do quarto num processo artificial e encenado.

A presença do realizador transforma-se, assim, num novo elemento de acumulação. O quarto de Cesariny é feito da acumulação de vários tempos e espaços. Tempos passados, mas também tempos futuros. Tempos do desejo e espaços de troca.

É, por isso, um espaço fractal que, apesar da sua dimensão exígua, se divide numa possibilidade infinita de outros espaços. Miguel Mendes ocupa um destes territórios virtuais.

Mas no limite não é isso que todo o cinema devia propor, a ocupação de um espaço virtual? A sua realização? Será talvez por isso que em português se dá o nome mais correto a quem faz filmes: realizador.

Roma, fevereiro de 2011

DOSSIER DE IMPRENSA

MÁRIO AUTOGRAFIA CESARINY



Sir Michael no quarto do príncipe Cesariny

'É um filme do Miguel, comigo lá dentro', diz Cesariny. Durante três anos Miguel Mendes filmou-o, "para saber o que é que o Mário é". O resultado é isso: o registo de uma performance. KATHLEEN GOMES

Noites Longas Momentos da Vida de Um Poeta e Autografia

SIC, 01h45

Dois documentários dedicados ao poeta e pintor Mário Cesariny. O primeiro, *Momentos da Vida de Um Poeta*, é um retrato breve traçado por Carlos Calvet. Segue-se *Autografia* (título de um poema de Cesariny), assinado por Miguel Gonçalves Mendes, que, com este

documentário, pretende retratar não o poeta e pintor, mas sim a sua vida, o seu percurso e a sua individualidade. Como espaço de acção privilegiou-se o seu quarto, por ser este actualmente a base da sua criação e da sua intimidade. É aqui que "resiste tudo o que não se perdeu".

O lado íntimo de Cesariny

► O humor e a lucidez com que Mário Cesariny olha a vida são dois dos ingredientes do documentário 'Autografia', que hoje, pelas 18h30 é exibido na Fnac Chiado.

Miguel Gonçalves Mendes, realizador do documentário, explicou ao **CM** que "o tom intimista de Autografia só foi possível graças à forte relação de confiança desenvolvida com o poeta e pintor ao longo de quatro anos de filmagens". O filme dá a Cesariny espaço para "analisar o Mundo" numa perspectiva muito pessoal: "ele diz que as coisas não são boas nem más, são simplesmente

humanas", acrescentou o cineasta de 27 anos.

Apesar de ter sido rodado quase "sem dinheiro" e com recurso a "câmaras emprestadas", 'Autografia' conquistou no ano passado o prémio DocLisboa para melhor documentário português. O filme estreou-se em Novembro de 2004, esteve cinco semanas em cartaz, e foi o documentário mais visto na história do cinema português.

A acompanhar a projecção vai estar à venda o livro 'Verso de Autografia', que reúne entrevistas não incluídas no filme. - V.F. ●



**Ele perguntou: 'O quê, vais-me perguntar o que é o surrealismo?'
E eu disse-lhe: 'Não. Só quero saber o que é que o Mário é.'
Miguel Gonçalves Mendes**

DOSSIER DE IMPREENSA

MÁRIO AUTOGRAFIA CESARINY



Mário Cesariny,

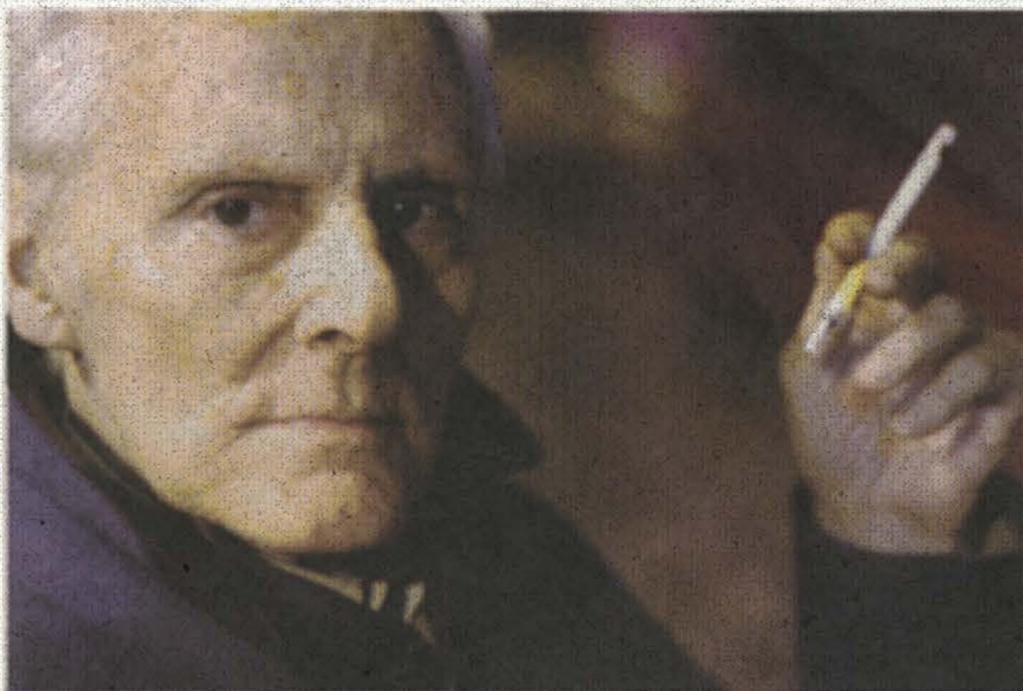
o poeta e o respigador

Não se sabe o que vai dizer o poeta. Nem o realizador. Sabe-se que o poeta disse (no documentário) que "gostava de ter daquelas mortes boas". E também que o "amor é o único contacto que temos com o sagrado", "a única coisa que há para acreditar". O realizador explicou (ao suplemento Y de 30 de Abril) que o poema "Autografia" "diz tudo" o que ele queria dizer. E o que escreve o poeta? "Sou um homem / um poeta / uma máquina de passar vidro colorido / um copo uma pedra / uma pedra configurada / um avião que sobe levando-te nos seus braços."

O poeta é Mário Cesariny. O realizador é Miguel Gonçalves Mendes. O documentário é "Autografia" sobre Cesariny e estreia-se hoje às 22h00 (repete às 24h00), no Teatro do Campo Alegre, no Porto, com a presença do poeta e do realizador. E não se sabe ainda o que vão dizer.

Cesariny disse (ao Y): "Gostei de tudo. O Miguel sabe o que é a poesia, sabe o que é um poeta, e sabe, talvez como poucos, transmitir isso ao cinema." Miguel Gonçalves Mendes explicou que "Autografia" tem como espaço de acção o quarto de Cesariny, "a base da sua criação e da sua intimidade". Porque "é aqui que resiste tudo o que não se perdeu". Mas há coisas que se perderam. A poesia, por exemplo. "A poesia foi um fogo muito grande que ardeu. Depois ficaram as cinzas. Não sou capaz de fazer versos porque sim. Acabou (...)", disse Cesariny.

O poeta tem 81 anos e já não faz poemas. "Entregou-se completamente", diz Miguel Gonçalves Mendes, a uma câmara na sua vida, no seu quarto. "Autografia" é uma "espécie de respigar / reciclar de citações e de conteúdos que acabam por nos permitir uma apropriação de Mário Cesariny", explica o realizador (respigador?). E para que é que a vida serve, Cesariny? "Para foder, que é muito bom. Para amar e para morrer." ■ RAQUEL RIBEIRO



"Infelizmente, sou a pessoa de quem mais gostei"

★ "Autografia", retrato de Mário Cesariny, estreou, anteontem, no Porto ★ "É sobre a sua individualidade", nota o realizador

Helena Teófilo da Silva

Assemelha-se a um vídeo doméstico, longe do amadorismo, mas profundamente perto de uma intimidade rara de conseguir quando se trata de verter em duas horas 81 anos de confissões tribuladas pela vida do mais importante representante poeta português da escola surrealista, Mário Cesariny.

Inspirado no poema "Autografia", Miguel Gonçalves Mendes (Prémio jovem realizador Ovarideo2003) estruturou um documentário que se abarca da comédia e larga gargalhadas avelludadas à medida que despe o homem para quem a alegria de ainda estar vivo reside em pintar - "acto mais divertido e libertador do que a escrita", afirmou - e no facto de poder acompanhar a irmã, Henriette, a mulher que nunca aceitou a

homossexualidade, mas respeitava a dele por ser "um irmão grandioso em tudo", morreu pouco antes da estreia do filme com título do poema que o motivou, anteontem, no Teatro do Campo Alegre, no Porto.

Desambulando naturalmente pela casa, mas, sobretudo, pelo quarto, "base da criação e da sua intimidade", Cesariny expõe-se sem pruridos, e sempre impregnado de humor. "Estou num pedes-



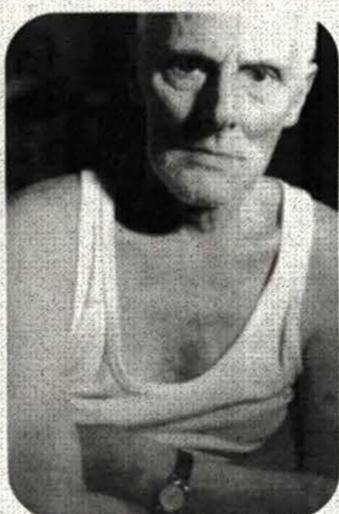
Mário Cesariny, poeta e pintor

tal muito alto. Lá em baixo aplaudem-me. Mas depois deixam-me ir para casa sozinho. Isto é a glória literária portuguesa.

O poeta e pintor disserta longamente sobre o amor. "A única coisa que há para acreditar". Se ele amou? Talvez, quando tinha 20 anos. Mas não resultou. "Não sei se foi isso que me fez desistir do amor total", confessa. "Infelizmente, parece que foi a mim que mais amei."

Cesariny nas salas

"Autografia", o primeiro documentário sobre o poeta e artista plástico Mário Cesariny, realizado por Miguel Gonçalves Mendes, estreou quinta-feira em Portugal. Partindo do poema "Autografia" ("sou um homem/um poeta/uma máquina de passar vidro"), Miguel Gonçalves Mendes revela "a vida o percurso e a individualidade Mário Cesariny", em vez de se debruçar sobre a poética ou a pintura. Com um orçamento reduzido, o jovem realizador registou ao longo de dois anos e meio mais de 20 horas de gravações com Cesariny em casa, em Lisboa, revelando-se em conversas e através de fotografias. "Autografia", que tem o poema homónimo como fio condutor ("eu sou, no sentido mais energético da palavra/uma carruagem de propulsão por hálito"), foi considerado este ano o melhor documentário do festival DocLisboa. Em complemento com "Autografia", nas salas de cinema será exibido o filme "Momentos na vida do poeta", de Carlos Calvet, de 1964.



Cinema no Porto

"Autografia" é um retrato de Cesariny para ver hoje

Com este documentário pretende-se retratar não o poeta e pintor Mário Cesariny, mas sim a sua vida, o seu percurso e a sua individualidade", avisa o realizador Miguel Gonçalves Mendes sobre "Autografia", o filme que estreia hoje, às 22 horas, no Teatro do Campo Alegre, no Porto, com presença do próprio Cesariny.

"Como espaço de acção privilegiou-se o seu quarto, por ser este actualmente a base da sua criação e da sua intimidade. É

aqui que resiste tudo o que não se perdeu", acrescenta ainda o realizador sobre um trabalho "que vive sobretudo das questões colocadas (ausentes) e das respectivas respostas". Nesse sentido, a opção foi a de usar como fio condutor um dos poemas de Cesariny, que dá título ao documentário.

Em "Autografia", o poeta fala desassombadamente da morte, do amor e da vida. "O amor é o único contacto que temos com o sagrado. É a única coisa que há para acreditar".

CRUZEIRO SEIXAS

AS CARTAS DO REI ARTUR

MÁRIO CESARINY

5 DE JANEIRO DE 2017

NOS AMOREIRAS
LISBOA